



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**SANDRA NATALI TEODOSIO DA SILVA**

**TEATRO E EDUCAÇÃO:**  
**“CHAPEUZINHO LILÁS E A MALA DA VOVÓ”**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**ABRIL DE 2012**

**SANDRA NATALI TEODOSIO DA SILVA**

**TEATRO E EDUCAÇÃO:  
“CHAPEUZINHO LILÁS E A MALA DA VOVÓ”**

Trabalho de Conclusão de Curso- TCC  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lígia Pereira dos  
Santos.

**CAMPINA GRANDE – PB**

**ABRIL DE 2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586t

Silva, Sandra Natali Teodósio da.

Teatro e educação [manuscrito]: chapeuzinho lilás e a mala da vovó. / Sandra Natali Teodósio da Silva. – 2012.

56 f. : il. : color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Lígia Pereira dos Santos, Departamento de Educação”.

1. Teatro. 2. Gênero. 3. Violência virtual. 4. Infância. I. Título.

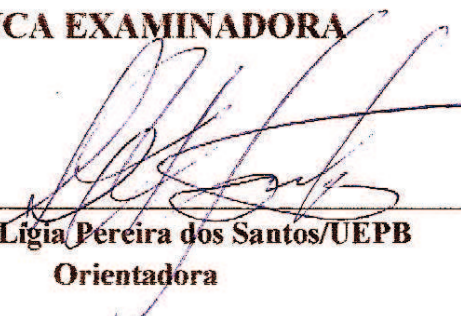
21. CDD 792

**SANDRA NATALI TEODOSIO DA SILVA**

**TEATRO E EDUCAÇÃO:  
“CHAPEUZINHO LILÁS E A MALA DA VOVÓ”**

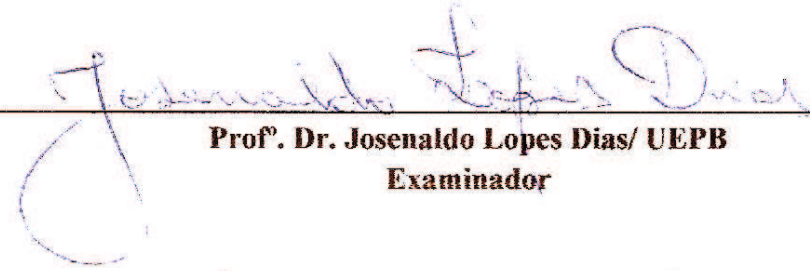
Aprovada em 27/04/2012.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr.<sup>a</sup> Lúcia Pereira dos Santos/UEPB**  
**Orientadora**



---

**Prof. Dr. Josenaldo Lopes Dias/ UEPB**  
**Examinador**



---

**Prof. Ms Anny Sionara M. L. Dantas/ UEPB**  
**Examinadora**

*Dedico este trabalho como forma de gratidão aos meninos e meninas da Escola Municipal Félix Araújo, os verdadeiros protagonistas deste trabalho, pela forma carinhosa e respeitosa com que receberam o projeto.*

## AGRADECIMENTOS

Uma das virtudes do ser humano é o reconhecimento, reconhecer que na solidão somos pouco ou quase nada, por isso este espaço é reservado para agradecer as pessoas que contribuíram para que eu concluísse esta primeira etapa de minha vida acadêmica.

Primeiro agradeço a Deus por ser o meu criador, minha fortaleza diária que está comigo sempre nos momentos tristes e alegres e especiais como é este. Obrigada por me amar incondicionalmente.

A minha querida orientadora Professora Doutora Lígia Pereira dos Santos, uma mulher, mãe e educadora compromissada e engajada nas lutas e discussões das questões de gênero e diversidade, que foi bússola no meu caminhar desde o meu segundo ano de curso e que me fez tomar gosto pela pesquisa e que me prestigiou com o projeto de Chapeuzinho Lilás, um grande presente.

À Professora Ms. Anny Sionara M. L. Dantas e o Prof<sup>o</sup>. Dr. Josenaldo Lopes Dias por aceitar participar da Banca Avaliadora e pela presença neste momento especial de formação profissional contribuindo academicamente para minha Conclusão de Curso.

As/os professoras/es do Curso de Pedagogia que contribuíram na minha formação de educadora e formadora de opinião, em especial as minhas professoras da Habilitação Infantil.

A toda comunidade Escolar da Escola Municipal do Félix Araújo pela participação e alegria e em especial a gestora Maria Bernadete Albino, que abriu as portas da escola e acolheu o projeto de braços abertos.

Às grandes amigas que fiz na Universidade: Juliana, Cláudia Nascimento, Vaneska, Cláudia, Rivanete, Camila, Wandérleia, Romana, Nice, Marlene, Jubilene, Marilene, Karla, por compartilharam comigo grandes momentos e estão em meu coração.

Às pessoas de quem eu não poderia deixar de homenagear, a quem eu tenho um grande apreço e carinho especial que estavam sempre dispostos a me ajudarem quando eu necessitava: Ires Mendes, a minha pequena gênica Alline Sonale, Egmar Araújo, Gilmar Grismino e Junior Leite.

E especialmente à minha maravilhosa família que tanto amo; meu pai Antonio Teodosio, mãe Auzeni Agostinho e irmãs Alline Sonale e Núbia Samara, pessoas amadas que me apoiam e confiam em meu potencial. Sem esta linda família eu não existiria.

Por fim a todos e todas que estiveram de forma direta ou indireta nesta trajetória.

## RESUMO

O presente trabalho intitulado Teatro e Educação: Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó foi desenvolvido no cenário da Escola pública Municipal Félix Araújo, a partir da representação teatral, *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó*, envolvendo toda a comunidade escolar, com o objetivo de despertar e discutir com as crianças temáticas pertinentes ao contexto social atual da infância e que perpassa por todas as instituições, inclusive a escola, as questões de gênero, violência na internet e respeito ao/a outro/a, utilizando-se do teatro como um dos instrumentos das diversas possibilidades de recurso em sala de aula. Numa perspectiva de educação não sexista e pautada nos valores. A peça teatral refuta a história da ingênua e frágil Chapeuzinho Vermelho desmistificando os estereótipos criados pela sociedade em relação à mulher/avó/menina e aborda a violência no espaço virtual, cometida pelo lobo mau contemporâneo- o pedófilo, mostrando as imperfeições do mundo atual de forma lúdica e dinâmica. Tivemos como suporte teórico Bourdieu (2010), Peixoto (2006), Zilbermam (2003) Smith (2009) entre outros autores, elencos de grande contribuição para o trabalho. O projeto foi de grande aceitação apesar de muitos questionamentos sobre o lobo mau, atendeu ao que nós propomos; unir teatro e educação para uma aprendizagem significativa, participativa e prazerosa, promovendo nos meninos e meninas o gosto pela arte e a (re) elaboração de novos significados para relações sociais e construção de valores. Enfim, foi de grande valia, as crianças tiveram a oportunidade de questionar, discutir e formular novos conceitos de uma forma divertida e recíproca entre protagonista e plateia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro – Gênero – Violência virtual – Infância.

## ABSTRACT

This work entitled Theatre and Education: Purple Riding Hood and Grandma's Bag was developed in the setting of Felix Araújo Public School Hall, from the theatrical performance, and Purple Riding Hood Grandma's Suitcase, involving the whole school community, with the goal of awakening and discuss with children issues pertinent to current social context of childhood and that permeates all institutions, including schools, gender issues, violence and respect for the Internet / another / a, using theater as an instrument the various possible use in the classroom. In terms of non-sexist education and based on the values. The play refutes the story of Little Red Riding Hood naive and fragile demystifying the stereotypes created by society in relation to the woman / grandmother / girl and addresses violence in the virtual space, committed by the big bad wolf-the pedophile contemporary, showing the imperfections of the current world of a playful and dynamic. We had theoretical support Bourdieu (2010), Peixoto (2006), Zilbermam (2003) Smith (2009) among others, casts great contribution to the work. The project was widely accepted although many questions about the big bad wolf, he attended to what we propose, together theater and education for significant learning, participatory, and enjoyable, girls and boys in promoting a taste for art and (re) development of new meanings of social relations and building values. Anyway, it was of great value, the children had the opportunity to question, discuss and formulate new concepts in a fun and reciprocal between protagonist and audience.

**KEYWORDS:** Theatre – Genre – Virtual Violence – Children.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FOTO 1</b> – Entrada da Chapeuzinho Lilás .....	32
<b>FOTO 2</b> – Representando a Chapeuzinho Lilás .....	33
<b>FOTO 3</b> – Experimentando ser a Chapeuzinho Lilás .....	33
<b>FOTO 4</b> – Apresentação dos objetos da mala .....	34
<b>FOTO 5</b> – A mala da vovó .....	34
<b>FOTO 6</b> – Apresentando os perigos da internet I .....	37
<b>FOTO 7</b> – Apresentando os perigos da internet II .....	37
<b>FOTO 8</b> – As artes das crianças .....	38
<b>FOTO 9</b> – Painel da interação plateia-personagem .....	39

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1 A INFÂNCIA E QUESTÕES DE GÊNERO</b> .....	11
<b>2 EM CENA: A HISTÓRIA DO TEATRO E INÍCIO DA EDUCAÇÃO FEMININA ..</b>	17
<b>3 SALA DE AULA: CENÁRIO DE CORPOS SEM MOVIMENTOS</b> .....	24
<b>4 A INTERNET E OS PEDÓFILOS: DRAMA DA VIDA REAL</b> .....	27
<b>5 DESCORTINANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	29
<b>6 RESULTADOS DA PESQUISA</b> .....	31
6.1 Abrindo as cortinas da arte-educação: Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó .....	31
6.2 Eu falo... Tu falas... Em cena os personagens reais – As crianças .....	35
6.3 Análise teórica das cenas: Compartilhando as vivências e experiências na atuação .....	40
6.4 Descrevendo os personagens da peça teatral .....	41
<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48
<b>ANEXOS</b> .....	52

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa foi desenvolvido a partir de uma peça teatral *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* que fez parte de um projeto Contos que *desenfadam* realizado na Escola Municipal Felix Araújo, no município de Campina Grande – PB. O objetivo foi despertar e discutir com as crianças, temáticas pertinentes as questões de gênero e violência, sobretudo no contexto do espaço virtual. O projeto promoveu o gosto pela arte teatral em meninos e meninas, numa perspectiva de educar nos valores de igualdade entre os sexos, respeito e valorização ao outro.

Na realização do projeto foi envolvida toda a comunidade escolar e familiar buscando na arte cênica um caminho de aprendizagem prazerosa, significativa e participativa; desenvolvendo os aspectos psicomotores, sociais e afetivos, contribuindo para a formação de meninos e meninas como seres reflexivos e equânimes na sociedade a qual estão inseridos/as.

A relevância de nossa pesquisa não se apresenta pelo simples fato de utilizar o teatro como um instrumento em sala de aula, mas sim, de discutir e despertar a partir da apresentação teatral *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó*, questões da realidade atual da infância de nossas crianças, como: questões de violência e pedofilia na internet, de gênero nos aspectos de brinquedos, de valorização de ambos os sexos e de respeito e valorização as diferenças.

O trabalho buscou questionar a construção dos papéis sociais, além de refletir sobre a influência e permanência até hoje de Chapeuzinho Vermelho, um conto de mais de 300 anos, conto àquele que as professoras no ambiente escolar insistem em contar e recontar, ensinando especificamente às meninas a terem medo de se aventurarem por novos caminhos, a esperarem que um homem as socorra (no caso do conto - o lenhador é o socorro), a verem na vovó uma idosa boba que espera apenas guloseimas e abre inocentemente a porta para o lobo, mascarando o sentido real da história que seria o assédio sexual e estupro, cometido pelo lobo (no comer), contra Chapeuzinho Vermelho, e sua vovó, reforçando assim a dominação masculina.

Nesse sentido, nosso objetivo visou unir Teatro-Educação, numa perspectiva lúdica de aprendizagem significativa entre protagonista (professora) e plateia (crianças), numa relação recíproca a fim de (re) elaborar novos significados para as histórias e acreditarem que podem refletir sobre valores estabelecidos, bem como seus contextos sociais a partir das atitudes estimuladas via representação teatral.

A metodologia da pesquisa segue os estudos teóricos de autores como Scott (1995), Japiassu (2001), Zilberman (2003), Peixoto (2005), Bourdieu (2010) entre outros autores.

Esperamos enfim, com a apresentação deste, contribuir para os estudos acerca das questões de gênero e para a desconstrução de estereótipos a acerca da temática via teatro na escola.

A aplicabilidade deste trabalho, embora tenha se destinado à escola pública, foi aplicado também na rede particular.

O entusiasmo das crianças com a representação teatral foi empolgante, por ser diferente, dinâmico, lúdico, colorido, ter movimento, emoção, enfim, algo novo, uma de muitas possibilidades para atrair e aguçar a criançada para as discussões.

Ao término de cada apresentação, muitas meninas se identificavam com a Chapeuzinho Lilás pela esperteza em perceber o perigo, os meninos falavam que a Chapeuzinho Lilás era muito legal e que queriam brincar com ela, pois ela era uma menina sabida e gostava de brincadeira de menino e outras crianças queriam que suas avós fossem com a vovó da Chapeuzinho Lilás, uma avó divertida, conectada, viajada e que amava ler histórias para a neta.

Destacamos assim, a dimensão educativa que tomou o projeto, pelo fato de poder através da Arte Cênica proporcionar as crianças momentos prazerosos e de aprendizagem lúdica, numa história de mundo real, porém, que não tira o encanto, a emoção e a beleza que tem o mundo do teatro. Assim, a união TEATRO-EDUCAÇÃO é uma das inúmeras possibilidades que a escola pode trabalhar visando uma aprendizagem significativa.

A seguir, abriremos as cortinas do nosso trabalho apresentando a infância e as questões de gênero para compreender como se forma as relações de gênero desde o contexto social cultural em confluência com a infância, e o papel do/a educador/a neste meio.

A posteriori, fazemos uma sucinta trajetória do teatro desde sua origem e a relevância desse artefato cultural no ambiente escolar e a educação feminina que por muito tempo ficou restrita ao espaço doméstico, e conseqüentemente estiveram afastadas de uma educação formal. Em seguida, apresentaremos a sala de aula, como cenário de corpos sem movimento, mostrando a ordem e o controle na disciplina dos corpos arraigados de estereótipos e, por conseguinte, os meninos e meninas expostos aos perigos da net com o multifacetado lobo mau do mundo contemporâneo e mais adiante o descortinar dos caminhos metodológicos e os resultados da pesquisa. E por fim, o elenco principal que contribuiu para o nosso direcionamento; as referências bibliográficas e os anexos.

## 1 A INFÂNCIA E QUESTÕES DE GÊNERO

Compreendemos aqui, a infância numa perspectiva social e historicamente construída. Lembrando que elas, as crianças, nem sempre foram reconhecidas como seres pensantes que tem suas próprias singularidades e particularidades. Na Idade Média, por exemplo; eram vistas como um adulto em miniatura, ou seja, homens e mulheres de estatura menor. O universo infantil não era separado do mundo adulto eles/as se relacionavam de igual para igual; meninos e meninas, ainda pequenos/as já assumiam um papel produtivo no setor econômico. Todavia, com o passar dos tempos devido às várias transformações históricas ocorridas em todos os setores econômicos e culturais mundial, a visão sobre o período de infância foi modificando.

Assim sendo, o reconhecimento da criança como um ser afetivo e cognitivo que é fruto de um pensamento moderno do século XX, de estudos da psicologia infantil, agora, chave central para investigar e compreender o adulto. Mas nem sempre foi assim, “A ideia de infância não existiu sempre e da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade” (KRAMER, 1982, *apud* GOUVEA, 2002, p.14). Ficando nítido, que a concepção de infância, que temos hoje, é oriunda de uma séria de mudanças histórica e socialmente construída nos diversos contextos. Assim, criança é um sujeito histórico-social, inserido em uma dada sociedade.

[...] É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. (BRASIL, 2001, p. 21).

E nos últimos tempos os debates e discussões acerca do período da infância têm crescido gradativamente, no que concerne ao desenvolvimento integral da criança, já que hoje ela ocupa papel central em nossa sociedade. Então, o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil vem ressaltar que:

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da Psicologia, Antropologia, Sociologia, Medicina etc., possam ser de grande valia para

desvelar o grande universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças. (BRASIL, 2001, p. 22).

O nosso desafio, enquanto educadoras/es, é de qual a melhor forma para desenvolver individualmente minha criança? Que estratégias utilizar para infância contemporânea? Sabemos que, desde muito cedo os pequenos infantes mantêm o contato com as pessoas e o mundo a sua volta. Tal contato gera a aprendizagem de valores que se dá pela compreensão do meio em que vive e das relações paradoxais existentes e, é justamente na instituição escolar que as crianças passam a maior parte do seu tempo.

Nesse contexto, a educação auxilia o desenvolvimento das capacidades e apropriação dos conhecimentos corporais, afetivos, motores, cognitivos e etc., em função de uma formação de qualidade para as crianças na dimensão do cuidar e educar permeada pela concepção de desenvolvimento da criança, a qual integra a formação biológica, psicológica, social, histórica, cultural, concretizada nas interações e práticas sociais.

Ao trabalhar com as práticas educativas, que enfatiza os cuidados físicos, “compreendem a criança pequena como carente, frágil, dependente e passiva, e que levam a construção de procedimentos e rotinas rígidas, dependentes todo o tempo da ação direta do adulto” (BRASIL, 2001, p. 18). Outra prática diz respeito às necessidades emocionais; “a preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos” (BRASIL, 2001, p. 18). Há o desenvolvimento cognitivo, “ora especificamente ligado ao desenvolvimento das estruturas do pensamento, ou seja, da capacidade de generalizar, recordar, formar conceitos e raciocinar logicamente, ora se referindo a aprendizagens de conteúdos específicos”. Dessa forma:

Polêmicas sobre cuidar e educar, sobre o papel do afeto na relação pedagógica e sobre educar para o desenvolvimento ou para o conhecimento têm constituído, portanto, o panorama de fundo sobre o qual se constroem as propostas em educação infantil. (BRASIL, 2001, p. 18).

Nesse sentido, a dimensão do cuidar e educar aponta para uma perspectiva de prática pedagógica que incorporem de maneira integrada essas duas funções, estando essas associadas a padrões de qualidade, considerando as crianças em seu contexto e práticas ambientais, sociais, culturais, de maneira que a mesma tenha contato com os mais diversos elementos e linguagens, a fim de, tornarem-se futuros sujeitos sociais críticos. Assim, o

Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil coloca que; “As instituições educacionais deve tornar acessível a todas as crianças que a freqüentam, indiscriminadamente, elementos de cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social” (BRASIL, 2001, p. 23), dessa forma, a escola está cumprindo o seu papel social desenvolvendo a identidade das crianças além de ampliar e tornar acessível os bens culturais como dança, música, teatro.

Por outro lado, não há conteúdo educativo desvinculado do gesto de cuidar, “cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas” (BRASIL, 2001, p. 24). De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI),

A base do cuidado humano é compreender como ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Cuidar significa valorizar e ajudar a desenvolver capacidades. O cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos. O desenvolvimento integral depende tanto dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados. (BRASIL, 2001, p. 24).

Como podemos observar, o cuidado é algo que vai além das necessidades básicas de alimentação e higiene. As crianças têm outras necessidades importantes, como serem ouvidas, respeitadas, “para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades” (BRASIL, 2001, p. 25).

Portanto, diante das discussões, compreendemos que educar e cuidar são elementos indissociáveis para o desenvolvimento da criança; o/a educador/a precisa propiciar um ambiente de sala de aula socializador e acolhedor, integrando as dimensões do cuidar e educar. Acreditamos que, trabalhar peças teatrais é uma das diversas formas de envolver a criança não somente no processo pedagógico, mas também como forma de aproximar a crianças da arte teatral, propiciando um desenvolvimento de forma integral mediado pelo lúdico.

Ao longo da Educação Básica, e principalmente no primeiro seguimento que é a educação infantil, os corpos de meninos e meninas assumem papel fundamental, pois é neste momento que as identidades vão sendo construídas, reproduzindo/ produzindo

comportamentos sexistas ou não, e as questões de gênero vão sendo impressas e/ou transformadas de acordo com as práticas educativas.

Primeiramente, vamos compreender o que se concebe por gênero. Segundo Scott (1995), gênero é um conceito identificador das diferenças sexuais dos corpos entre homens e mulheres, meninos e meninas, nas relações sociais das distintas sociedades e culturas. Ou seja, as relações de poder do sexo masculino sobre o feminino. Mas se pretende justamente a igualdade de gênero, e para isso ocorrer é necessário trabalhar nesta perspectiva desde os primeiros anos de escola, promovendo a igualdade de direitos entre meninos e meninas, o respeito às diferenças, já que socialmente foram criados papéis considerados adequados para homens e mulheres, meninas e meninos, produzindo as relações de poder.

Sexismo ou preconceito de gênero representa a atitude em que os homens e/ou meninos diminuem as mulheres e/ou meninas ou excluem o seu oposto, sem respeitá-lo enquanto ser humano. As questões de gênero e sexismo estão presentes, é uma realidade de nossa sociedade, porém nas instituições escolares tais questões, entre tantas outras, necessitam ser revistas. A escola é formadora de opiniões e conceitos. De maneira que, algumas ações educativas contribuem para desconstrução ou construção de pré-conceitos. Podemos citar o momento das rodas de leitura, que seriam também uma oportunidade para os meninos e meninas desenvolver o seu senso crítico.

O acervo de Literatura Infantil nas escolas brasileiras em sua maioria resumiu-se a livros de contos de fadas, os “livrinhos” aparentemente inocentes, no entanto, imbuídos de sexismo, permeado de poder sobre os corpos das crianças, onde as diferenças e papéis sociais femininos e masculinos são colocados de forma sutil, atuando na construção dos valores de meninos e meninas, que serão os futuros adultos de nosso povo.

Os tipos de leitura desenvolvidos no cotidiano escolar podem reforçar as desigualdades vividas no cotidiano da sociedade, no que se refere às relações de gênero. A leitura de contos é uma forma de contribuir, para que as crianças se tornem seres completos e/ou para limitar suas iniciativas e suas aspirações. A leitura sexista inibe as manifestações das crianças como também sua criatividade.

A construção dos papéis de homens e mulheres não se definiu apenas a partir do econômico, mas, conjuntamente a partir das relações culturais e sociais, e em decorrência sobre os valores apropriados para homens e mulheres, meninos e meninas dentro dos variados espaços de convivência: família, igreja, rua, a escola. Assim, destacamos a importância do papel do educador e da educadora:



[...] tenham consciência do potencial que o ambiente coletivo de educação tem para possibilitar a convivência entre a diversidade e repense desse modo, suas práticas educativas. A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas. Demandam a incorporação de práticas educativas que introduzam conscientemente, como estratégia de socialização a meta de igualdade de gênero. (FINCO, 2008, p. 2).

E partindo do princípio da importância da construção de valores no desenvolvimento infantil, que delineamos nesta pesquisa, questionamos a literatura discriminatória do conto *Chapeuzinho Vermelho* no espaço escolar, que referenda a dominação masculina (BOURDIEU, 2010), capaz de influenciar diretamente na educação das crianças e na formação de futuros homens e mulheres.

Como alternativa, apresentamos uma nova história: *Chapeuzinho Lilás* objetivando apresentar as crianças uma nova possibilidade de compreender sobre papéis masculinos e femininos, um contraponto ao conto de *Chapeuzinho Vermelho*.

Sabendo que a leitura e a educação são indissociáveis na aprendizagem, concluímos que interpretar uma história *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* promoveu nas crianças da pesquisa novas visões, novos valores, novas atitudes que consideramos uma necessidade na construção da sociedade igualitária.

Assim, importa lembrar como velhas práticas de leitura podem gerar comportamentos e hábitos de dominação masculina na educação de meninos e meninas, posto que são reforçados sutilmente no cotidiano da Educação Infantil, ou seja, meninos e meninas imitam personagens revelando características de dominantes e dominadas para atender padrões da pessoas adultas, numa resposta aos valores estereotipados transmitidos. O estereótipo de gênero é uma forma de reprodução de comportamentos que segregam os seres humanos, como exemplo: menino é valente, menina é medrosa.

As questões de gênero permeiam toda a sociedade de diferentes maneiras e formas, mas o foco deste projeto é a representação teatral na escola como fonte de aprendizagem significativa, posto que, sobre tal prática repousa importante papel na libertação da criticidade das crianças.

Neste sentido, o que dizer das questões de gênero no espaço escolar?

A escola delimita espaços. Servindo de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informar o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus

quadros... aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam(ou não) nesses modelos. É a forma de instituir um padrão estereotipado de meninos e meninas reproduzindo desigualdades de gênero. (LOURO, 2004, p. 58).

Na escola formam-se conceitos, que se direcionam para certas condutas e comportamentos, distintos por sexo, que são apreendidas como se fossem naturais. Mudar esta prática através da representação teatral de uma nova história que refuta um velho conto infantil é uma maneira de ensinar de forma crítica e não sexista as crianças que representam a geração do futuro.

A escola reforça padrões de comportamentos e orienta valores para meninos e para meninas cobrando desempenho intelectual, comportamentos e práticas adequadas para cada sexo, oferecendo recompensas para cada atitude tomada de acordo com os padrões estabelecidos em cada sociedade. A diferença da educação de meninas e meninos é estabelecida na forma singela em que os/as professores/as interagem com os/as alunos/as.

Assim, de acordo com Finco (2007), é preciso dizer que algumas marcas, práticas corporais, e delineações de gêneros na infância somente se tornam marcas mediante práticas educativas, processos discursivos e culturais.

Portanto foi na representação teatral de *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* que excitamos crianças e adolescentes a novos questionamentos que entendemos ser uma proposta propícia para construção de uma nova visão. Percebe-se, então, que a representação teatral é

importante meio de comunicação e expressão que articula aspectos plásticos, audiovisuais, musicais e linguísticos em sua especificidade estética, o teatro passou a ser reconhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando-as, as dimensões sensório-motora, simbólica, afetiva e cognitiva do educando, tornando-se útil na compreensão crítica da realidade humana culturalmente determinada. (JAPIASSU, 2001, p. 22).

Para continuarmos a desvendar a importância do uso da representação teatral na escola, se faz necessário descortinar ainda que resumidamente um pouco da história do teatro e da participação feminina na educação.

## **2 EM CENA: A HISTÓRIA DO TEATRO E INÍCIO DA EDUCAÇÃO FEMININA.**

São várias as especulações acerca da gênese do Teatro. A arte de representar é uma das manifestações mais antigas. Sua origem está arraigada a representação humana desde as primeiras civilizações Pré-históricas do Oriente e Ocidente, a qual por meio de rituais – encenações envolvendo danças, pinturas no próprio corpo e uso de máscaras, os povos primitivos invocavam deuses e a natureza para melhorar a caça, afastar o mal, atrair chuvas, realizar cerimônias de casamento, funerais e preparar-se para guerra, entre outras manifestações, como mostra os desenhos pictóricos gravados nas cavernas revelando cenas de representações cotidianas dos povos Pré-históricos.

Na Grécia Antiga, era comum a realização de rituais religiosos, para espantar maus espíritos ou marcar a passagem da vida humana na terra. E com o passar do tempo esses rituais foram evoluindo, passando de uma simples procissão informal para espetáculos graciosos, ou seja, foi ficando cada vez mais encenado nas apresentações em consagração ao deus Dionísio ou o deus do vinho-Baco (para os Latinos). A cada nova safra de uva, era realizada uma festa em agradecimento a Dionísio, naqueles festivais eram realizados concursos dramáticos, o qual o custo da produção era dividido entre o Estado, responsável pela manutenção do teatro, pelo pagamento do coro e dos prêmios, e os córegos, espécie de mecenas da época, escolhidos entre os poderosos da cidade que supervisionavam os atores, os cenários e os figurinos. Os participantes cantavam, dançavam, usavam fantasias e máscaras, além de apresentarem diversas peripécias de Dionísio. “Na verdade o teatro nasce no instante em que o homem primitivo coloca e tira a sua máscara diante do espectador” (PEIXOTO, 2005, p.13), ou seja, quando o público percebe que há um disfarce, uma simulação, uma arte cênica que parte do real para o mundo das representações.

O espaço utilizado para as apresentações, em Atenas, era somente um grande círculo reunindo cerca de 20 mil pessoas.

Sendo assim, “o teatro como arte, foi formalizado pelos gregos, passando dos rituais primitivos das concepções religiosas que eram simbolizadas, para o espaço cênico organizado como demonstração de cultura e conhecimento” (BRASIL, 1997, p. 57).

Na Grécia, surgiram dois gêneros teatrais: a tragédia e a comédia. O primeiro, oriundo da religião ou das sagas dos heróis e deuses, protagoniza ações relacionadas aos deuses e heróis sempre em direção a um fato trágico, que provoca no público terror e piedade. Já o

segundo, também tem origem a partir das festas a Dionísio, porém a temática tratada neste gênero teatral é o ser humano comum social, procurando sempre levar o público a uma reflexão sobre o que se passa na sociedade, ou seja, uma representação de caráter moralizante.

Roma também se destacou com o teatro, apesar de ter encontrado raízes no Teatro Grego, copiando do mesmo, as formas teatrais Tragédia e Comédia, não deixou de ser original, pois com o passar do tempo, os Romanos foram adaptando peças Gregas e com o tempo se aperfeiçoando criando suas próprias peças com características específicas: linguagem coloquial, métrica. E, por conseguinte, apresentando uma variedade de gêneros teatrais.

O Teatro Romano dependeu muito do gosto do público, diferente da Grécia, pois caso uma peça não agradasse ao público, o promotor do festival era obrigado a devolver parte do subsídio que recebera. Os Romanos construíram vários teatros sobre uma estrutura de pilares e abóbadas, possuíam uma cávea semicircular (espaço reservado à plateia), uma orquestra pequena (local destinado às danças, músicos e coros) e um palco maior com fundo de alvenaria para as representações. Mas, na maioria das vezes foram os Anfiteatros, arenas ovais ou circulares e rodeados de degraus que acomodavam mais de 40.000 espectadores utilizados para vários eventos.

O Anfiteatro mais conhecido foi o Coliseu, um dos maiores símbolos do Império Romano, pelo seu volume e relevo arquitetônico reservado para combates entre gladiadores (prisioneiros ou escravos de maior força física, rebeldia e ferocidade) ou opondo esses guerreiros contra animais selvagens, tinha até batalhas navais, pois o Coliseu possuía um sistema que transformava a arena num grande lago que tinha capacidade para acomodar até noventa mil pessoas.

Tais espetáculos eram muito apreciados pelo povo. Com um tempo estes espetáculos se tornaram mais atraente por ter mais ação, ou melhor, verdadeiras sangrias. O Coliseu era o palco da demonstração de força, da batalha pela sobrevivência na arena, assim como era a própria sobrevivência do imenso Império, conquistada pela espada e pelo sangue derramado. Em virtude disso, o teatro tradicional foi entrando em declínio, pois, os espetáculos de crueldade era algo grandioso e valorizado por seus agentes, além do imperador e a plateia naquela época era um mega evento que apenas Roma podia ostentar.

Com a decadência do Império Romano, as lutas de gladiadores e as opulentas batalhas navais travadas no Coliseu chegaram ao fim no século V. O esplendor do Anfiteatro deu passagem para as igrejas Medievais, numa Roma convertida ao Cristianismo. O velho Coliseu pagão também entrou em decadência e por séculos foi esquecido.

O período Medieval compreendido entre o século X ao XV, também chamado de Idade Média, foi o período em que a igreja influenciava no modo de pensar e agir dos homens e mulheres, fazendo com que os temas religiosos predominassem nas artes. Assim, o teatro Medieval é semelhante ao antigo, apenas muda-se à religião.

A igreja logo visualizou o teatro como um meio de propagar o Cristianismo, inculcando na massa popular a servidão e a obediência religiosa. A Igreja Católica descobriu o teatro como um instrumento facilitador da disseminação ideológica, de obediência e submissão aos valores dela. As produções teatrais que até então eram representadas por escravos, ex-escravos, atores masculinos e sempre mascarados; agora, eram representadas pelos membros da própria igreja, nas festividades religiosas, no interior do próprio templo, a exemplo do Natal, da Paixão de Cristo e a Ressurreição, os chamados dramas litúrgicos. E quando as peças tornaram-se mais elaboradas e exigiram mais espaço, passou para frente da igreja.

O teatro religioso apoiava-se muito mais na linguagem gestual que verbal, não havia uma ordem para as cenas, era oferecido a todas as classes sociais e se revelou um mecanismo de manipulação e entretenimento popular.

O ensino através da arte lúdica foi de grande valia para incrementar os sermões litúrgicos e produzir um efeito persuasivo de difusão da fé e manutenção de seus dogmas religiosos, já que, nesta época, a igreja era detentora de poder e, caso os fiéis não seguissem os mandamentos, não obtinham a salvação de Deus.

Surgiu neste período o termo teatro infantil, o qual as crianças passaram a encenar divertindo os adultos, todavia, sempre de cunho moralizador, pois as apresentações sempre aconteciam nas comemorações cívicas e natalinas, uma forma de catequizar os índios, os ditos “Selvagens”. A partir do século XVIII, acontecimentos como a Revolução Francesa e Industrial, mudaram a estrutura do teatro. Muitas peças popularizaram-se através de formas como o melodrama. Nesta época, em todo o mundo, surgiram inovações estruturais. Os cenários e os figurinos começaram a ser mais bem elaborados, visando transmitir maior realismo.

Na Itália surgiu o inovador Teatro Renascentista, provocando a bancarrota do Teatro Medieval. Este teatro dito humanista desenvolvido pelos italianos, influenciou decisivamente outras nações Européias, por meio de caravanas realizadas por Companhias de Comédias Dell'Arte, um novo estilo de teatro, um drama cheio de sátira social, os personagens representam serviçais envolvidos em um triângulo amoroso (Colombina, Pierrô, Arlequim).

Outra novidade Italiana impactante foi à participação de mulheres nas apresentações, além da infra-estrutura interna do palco como o elevador hidráulico, e a iluminação com novas formas e sentidos. Inglaterra e França aderiram às mudanças Italianas e incorporaram-nas em seus intrínsecos estilos teatrais, com destaque para Shakespeare e Molière.

Há heterogêneas tendências nas acepções dos significados da arte teatral do Século XX, se caracterizando pelo ecletismo e rompimento de modelos prontos e acabados desconfigurando tanto no "design" cênico e na direção teatral, quanto na infra-estrutura e nos estilos de interpretação. Se destacando o dramaturgo alemão Bertolt Brecht como o inovador do chamado Teatro Moderno. Hoje, o Teatro Contemporâneo abriga, sem preconceitos, tanto as tradições realistas como as não-realistas. Segundo Peixoto (2005), são infundáveis as tendências do teatro contemporâneo. Há uma permanência do realismo e paralelamente uma contestação do mesmo. As tendências muitas vezes são opostas, mas freqüentemente se incorporam umas as outras.

Nesse contexto, qual a importância que o teatro tem na área educacional? Podemos utilizar o mesmo como uma das ferramentas que auxiliam no processo de aprendizagem das crianças?

No Brasil, foi a partir do movimento Escola Nova, que tinha ideias democráticas de liberdade de expressão ao futuro cidadão e cidadã, que o teatro passou a ter uma relevância adentrando nas escolas para contribuir na formação de meninos e meninas, passando a ser um recurso de estímulo à criatividade, fornecendo uma base sólida para as crianças desenvolverem-se nos aspectos afetivos, cognitivos e psicomotores.

“A palavra teatro é sempre associada à palavra palco, o que nada tem a ver com atividade dramática da escola, pois o palco é para atores, e um bom espaço livre, em qualquer dependência da escola, é estímulo suficiente para que os alunos desenvolvam” (REVERBEL, 1978, p. 20). O “palco” das representações na escola, não necessariamente deva ser um lugar próprio designado para a realização de peças, mas qualquer espaço seja ele no pátio, no auditório ou na própria sala de aula, o importante é que a representação desperte reflexão agindo na construção e questionamentos dos valores implantados na sociedade.

A escola é uma das instituições de maior responsabilidade em difundir uma cultura de igualdade, respeito, liberdade e tolerância com o\o outro\o, pois é nela que as crianças passam boa parte do seu tempo.

Porém, sabemos que o mundo hoje vive sob o apreço do capitalismo e por se preocuparem apenas com lucros e busca de status, pouca importância dá para as questões de valores. Portanto, não podemos ter posturas imobilizantes e negar as diferenças que

encontramos ao nosso redor. Essas diferenças não dizem respeito somente às desigualdades sociais, mas ao que com ela carrega na maioria das vezes, que é a capacidade cognitiva, corporal, afetiva e cultural de cada criança. É preciso respeitar o nível de conhecimento que cada criança possui, lembrando que nem todos têm o mesmo ritmo de desenvolvimento e aprendizagem.

Dessa forma, a atuação do professor em sala de aula deve levar em conta fatores sociais, culturais e a história educativa de cada aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor, ou psíquico, ou de superdotação intelectual (BRASIL, 1997, p. 97).

Portanto, cabe ao educador e a educadora, procurar compreender suas crianças de acordo com suas vivências e experiências de modo a vir a contribuir para que ela tenha uma educação de qualidade. Sendo assim, acreditamos que nas escolas que se deve propagar com prioridade a igualdade entre os gêneros, desde a Educação Infantil se estendendo as séries posteriores, desconstruindo os modelos de sociedade patriarcal ainda vigente.

Percebemos que o discurso atual é de uma educação igualitária e sem distinção étnica, cor, sexo e posição social. Mas, será que sempre foi assim? Como era a educação no Brasil desde os tempos remotos? Veremos a seguir como foi introduzida a educação brasileira, e, qual a participação que a mulher tinha na mesma, desde os jesuítas aos dias atuais, para que possamos refletir sobre a construção de valores para infância, justo pelo fato de ser as mulheres em sua maioria as responsáveis pela educação de crianças.

É sabido que a História da Educação no Brasil é oriunda da vinda da Companhia de Jesus para o Brasil, o ensino ficou sob a responsabilidade dos jesuítas.

Com o objetivo de inculcar e impor sua cultura e modo de vida aos povos nativos aqui existentes, os jesuítas deram início ao processo de colonização das consciências dos indígenas. “A educação jesuítica teve como objetivo primeiro a catequese, mas esse foi logo substituído por uma educação restrita aos filhos homens da elite, que depois concluía seus estudos na Europa” (ZOTTI, 2004, p. 26).

Como podemos observar, durante o período colonial, a educação era restrita apenas aos homens, ficando as mulheres fora desse processo, sendo reservada ao sexo feminino apenas as atividades de cunho doméstico.

Durante o Período Imperial, as mulheres aproximaram-se das salas de aulas, porém com muitas restrições. Havendo escolas para meninos que tinha no currículo o ensino de leitura, escrita, Aritmética, noções de Geometria, além do Latim e na escola para meninas,



apenas o ensino das primeiras letras e as prendas domésticas. Se configurando uma educação sexista e discriminatória, já que, além de escolas as disciplinas também eram diferenciadas, aos meninos a formação profissional as meninas as boas “escravas do lar”.

Note-se que mesmo sucintamente a lei aponta as diretrizes básicas do que deveria ser ensinado. Além disso, há uma distinção quanto ao que ensinar para meninos e meninas, caracterizando os papéis determinados pela sociedade para cada um [...] Também se pode dizer que foi um avanço a lei prever a educação feminina, apesar da discriminação e das limitações que apresenta (ZOTTI, 2004, p. 40).

O Período Republicano, apesar de muitos decretos e leis ao que concerne a educação, não trouxe muitas mudanças com relação à valorização da mulher na educação; apenas a repetição da educação do Brasil Império, um ensino voltado apenas para os filhos homens da elite, o qual os permitia seguir cargos de grandes privilégios na sociedade.

As mulheres por séculos continuavam restritas ao ensino primário e a preparação necessária para assumir um lar, e ser uma boa dona de “casa”. Nos últimos anos do século XIX, com as várias mudanças ocorridas em todo o mundo renovando os pensamentos não se admitia mais a opressão a mulher e surgiu o movimento Feminista que rebate o patriarcalismo. Tal movimento cada dia mais foi ganhando espaço e força quanto as suas reflexões sobre dominação masculina e se espalhou por todo o mundo. E grandes mulheres se destacaram como: Nísia Floresta, Simone de Beauvoir, Berta Lutz mulheres que fizeram história, e revolucionaram os pensamentos da época.

O movimento procura reforçar a identidade sexual feminina mostrando que a mulher tem direito à educação, que ela pode assumir cargos públicos na sociedade entre outras propostas na luta a favor da igualdade política, social e econômica entre mulheres e homens.

Na Paraíba, com o objetivo de garantir a educação cristã no interior das famílias, Dom Aduino criou o Colégio Nossa Senhora das Neves destinado a Educação das jovens do sexo feminino, entregando sua direção em 1906, às Religiosas da Sagrada Família. Assim:

No século XX, desde o final da Segunda Guerra Mundial, a escola mista foi sendo implantado nos sistemas públicos de instrução dos países democráticos ocidentais de todo o mundo. A união de meninos e meninas na escola foi-se impondo como parte dos processos de democratização e de modernização das sociedades ocidentais. (AUAD, 2006, p. 62).

Mesmo com a inserção do sistema misto de ensino, meninos e meninas no mesmo ambiente. Observamos que ainda há representações tradicionais patriarcais e religiosas no



corpo da escola. De início, o sistema de ensino apenas conseguiu uma igualdade superficial, mascarada, no entanto, ainda há muito por fazer para disseminar a cultura de igualdade de gênero no cotidiano escolar na luta contra a discriminação, opressão sobre os corpos.

### 3 SALA DE AULA, CENÁRIO DE CORPOS SEM MOVIMENTOS

A imobilidade corporal sempre foi vista no ambiente escolar como atitudes que evidenciam uma criança bem comportada, civilizada e educada que atenderá as normas da sociedade.

No ambiente escolar fica nítido o controle dos movimentos por parte dos meninos e meninas resultando na ordem e na disciplina da sala de aula, restringindo cada vez mais, o tempo, o espaço e o movimento da criança. “todo movimento é considerado como distração e desvio das funções da mente” (SANTIN, 2001, p. 18). Portanto, o autor nos alerta para não agirmos como educadores/as domadores de corpos, que apenas percebe o aluno/a como robôs que só movimentam-se e falam sob a ordem do professor/a para não haver nenhuma distração e sob sua ótica uma não aprendizagem. Agem muitas vezes inconscientemente devido a essa naturalização histórica da submissão dos corpos por que também foram vítimas desta educação e não percebem o quanto a escola é perversa.

Nossos corpos sempre sofreram as demandas sociais e culturais sob as estruturas produzidas historicamente pelas instituições (igreja, escola, família), produção de um corpo instrumentalizado, mecanizado, moldado sempre a serviço de um poder hierárquico que busca a eficiência dos corpos, o controle total do corpo em movimento. Hoje na sociedade Contemporânea, o corpo então é visto com produto lucrativo. Podemos citar como exemplo, o corpo adotado pela mídia que influencia diversas pessoas adotando como ideal de um corpo apenas as formas anatômicas, assim, um corpo socialmente aceito é um corpo magro, malhado, com curvas. Nós mulheres somos vistas apenas sob a ótica estética. Com isso, sofre o nosso corpo com as relações, com os meios de produção, ficando submissos e separando sempre o corpo da mente.

Quando pensamos em movimento, nos remetemos logo ao corpo. E o que o nosso corpo expressa através do movimento? Segundo Santin (1987, p.77),

o movimento ultrapassa os limites da simples motricidade ou das atividades mecânicas, o movimento humano não pode ser reduzido a deslocamentos físicos, a articulações motoras ou a gesticulações produtivas. Mas é necessário vincular o movimento a todo o seu modo de ser. Não é apenas o corpo que entra em ação pelo fenômeno do movimento. É o ser humano todo que age e que se movimenta.

Na perspectiva do autor corpo, movimento e mente, estão entrelaçados sendo vistos como um todo. A realidade da condição humana revela que desde os primeiros anos de vida a

criança apreende e explora o mundo com o corpo estabelecendo relações através das percepções, toques, emoções, sentimentos numa experiência em que, o corpo aprende e cria com o movimento, sendo desta forma de muita relevância o movimenta-se em todas as etapas da vida de uma criança e, sobretudo no ambiente escolar. Portanto, o movimentar-se vai além do deslocamento no espaço, permite que a criança e o adulto vivenciem sensações e descubra o mundo.

A arte da representação teatral na escola é apenas uma das pontes entre o movimento e o corpo, proporcionando à criança o prazer de usar o corpo para ousar, descobrir, criar, recriar, sendo um estímulo a aprendizagem e o desenvolvimento que envolve e garante a criança a criatividade, a interação e a liberdade de expressão.

No entanto, o aprisionamento presente no ambiente escolar faz com que ocorra uma realidade perversa: meninos e meninas vivenciam uma experiência de repressão do movimento (corpo) crescem limitadas de perceberem seu próprio corpo, impregnado de visões de mundo e vivenciam um processo de alienação subordinados a ordem social. E até nas atividades físicas que poderiam ser o momento de lazer e soltura dos corpos se torna um amontoado de exercícios repetitivos ignorando as múltiplas dimensões do corpo. Ratificando com o pensamento de Santin (1987), “o movimento humano pode ser compreendido como uma linguagem, ou seja, como capacidade expressiva, o que vai muito além desta concepção mecanicista do movimento”.

Neste sentido, a escola prepara a criança a ser operário/a de fábrica, corpos que repetem movimentos. A escola é um aparelho de reprodução social da repressão que os corpos sofrem pelas diversas instituições. E é este o espaço que necessita romper com a censura sobre os corpos.

Logo, a ideia de trabalhar com teatro no ambiente escolar apresenta uma forma de libertar os corpos aprisionados, adestrados, limitados quanto ao tempo, ao espaço e ao movimento na sala de aula. Importa romper com os aparatos pedagógicos do trabalho de disciplinar do movimento dos corpos para aquisição do aluno e aluna ideal. Importa questionarmos a metodologia disciplinar na qual as crianças vão moldando-se na aquisição do conhecimento, no sentar, no levantar, no ordenamento espacial quanto a se adaptar na carteira em ordenação enfileirada de frente para o professor/a, seja no controle do tempo, para sair da sala, para ir ao banheiro, para ir ao recreio. Visamos estimular este movimento, esta comunicação do corpo como um todo.

É sabido que o teatro engloba música, artes plásticas, literatura e movimento (corpo), mostrando o quanto o movimento pode contribuir para se criar no espaço escolar um novo

ambiente abrangendo não apenas as capacidades motoras de meninos e meninas, mas, também suas capacidades imaginativas, criativas e cognoscentes. “O homem é corporeidade, como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença [...] o movimento que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora” (SANTIN, 1987, *apud* GAMBOA, 2007, p. 32-33).

E possibilitar, na formação das crianças, experiências significativas na vivência dos movimentos, pautada numa prática educativa associada à libertação dos corpos, é no mínimo satisfatório e, é sob este prisma, que trabalhamos *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó*.

Nós educadores/as somos responsáveis pelas mudanças temos que repensar quanto aos valores, conceitos e preconceitos produzidos sobre o corpo da criança.

Os corpos são locus que traduzem o nosso processo biológico, social e cultural, mas nem sempre estão em harmonia com as regras determinadas pela sociedade e desta forma Gaio e Porto (2006, p.11-12) afirma que:

[...] as ações sociais e culturais devem estar ao alcance de todos, sendo cada um participante e contribuinte da produção sociocultural. Essa dinâmica facilita e amplia o processo de “integração,” se comparada com a imposição que, em muitos momentos, é fonte de prazeres e alegrias bem como de perturbações e descompensações, levando-nos a aplaudir, repelir e até mesmo ignorar os corpos existencializados em razão dos valores conceitos que absorvemos do mundo no qual estamos inseridos.

Em consonância com o pensamento dos autores podemos aplica-ló em nosso laboratório diário, o ambiente escolar é reflexo do meio, e caso não haja um trabalho sobre tais conceitos, percebemos nas salas de aula e nas falas das crianças o quanto as meninas e meninos ficam querendo imitar aquele/a artista porque ele é assim, usa isso, tem um corpo perfeito, e acabam repudiando o corpo que é “diferente”, por exemplos os/as gordinhos/as, em virtude dos novos padrões inculcados pelo quarto poder – a mídia.

## 4 A INTERNET E OS PEDÓFILOS: DRAMA DA VIDA REAL

Sabemos que hoje não temos como frear os rumos tecnológicos. Crianças e adolescentes entendem mais de computadores do que os próprios pais e mães na contemporaneidade. A internet é mais um dos meios de influência na formação e educação das crianças e adolescentes de todo o mundo agindo de forma sutil ou perversa numa época em que os valores estão em crise.

Vivemos hoje numa sociedade em que meninos e meninas já nascem e crescem conectados com o mundo. Todavia, o poderoso mundo do WWW se torna uma ferramenta perigosa se mal utilizada. Pais e mães se encontram muitas vezes na desvantagem se comparados às crianças e adolescentes que nasceram numa sociedade digital. E a partir daí surge tal questionamento: Como proteger os corpos dos/as filhos/as dos riscos da internet?

A internet é um recurso maravilhoso que oferece uma infinidade de informações, conhecimento, verdades, falácias, e sim, riscos, também. É a arena eletrônica do mundo, [...] O canal de acesso dos pornógrafos de hoje e a super-rodovia secreta de predadores e criminosos. (SMITH, 2009, p. 30).

Na sociedade da informação e do conhecimento, a internet desponta como algo que não se pode ignorar. Tornou-se um utensílio diário para os negócios, transações, compras, vendas entre outras vantagens, além de, um aliado no setor educacional desde o ensino Infantil ao Superior e ainda um meio de entretenimento (Jogos, Msn, Chats, Twitter, Facebook, Orkut entre outros) para todas as idades. A partir de um simples click, você pode plugar um acervo de informações e manter contatos com pessoas de diferentes nacionalidades.

Sem muito deslocamento corporal, com o movimento apenas manual e visual, através de um aparelho eletrônico a criança se conecta com o mundo num acesso tão instantâneo e dentro, na maioria das vezes, de sua própria casa ou em lan house.

A realidade acima descrita aponta justamente para o perigo, pois muitos pais e mães acreditam que pelo fato de os/as filhos /as estarem em casa navegando na internet e não passeando pela estrada a fora como a Chapeuzinho Vermelho estão a salvos, por achar que o perigo está “lá fora” e que em suas residências com um acesso nocivo de um computador localizado em algum dos cômodos da casa as crianças e os adolescentes estão fora dos perigos. Trágico engano! Atualmente, o lobo mau do antigo e ultrapassado conto de Chapeuzinho Vermelho não está perseguindo meninas desavisadas na floresta da vida, mas está virtualmente em contato com os jovens, no papel de pedófilo, podendo ser homens ou

mulheres más, que se sofisticaram e buscam suas vítimas nas redes sociais e são verdadeiros predadores on-line.

Logo, os riscos ao acesso do mundo virtual são inúmeros: Por exemplo: manter contatos com pessoas desconhecidas, que pode ser um/a pedófilo/a, ser vítimas de sites pornográficos, devido à exposição de fotos na net, perder muito tempo em frente a uma tela de computador e acabar saindo do mundo real para o virtual, diminuindo as relações afetivas, deixando de brincar, sair.

O trabalho teatral *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* denuncia o lobo mau da Contemporaneidade - O pedófilo das redes sociais. A peça orienta na escola pública as crianças ao cuidado de usarem a internet com pessoas estranhas, alertando sobre o perigo de colocar nas redes sociais as informações pessoais e/ou marcarem encontros via on-line, pois muitas vezes quem está no outro lado da tela pode ser um verdadeiro assassino que procura seduzir, enganar, convencer meninos e meninas se passando por amigo/a para se aproximar das crianças e assim, praticar agressões e até assassinar corpos infantis.

A representação teatral *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* também chamou a atenção da família, sobretudo das mães e/ou responsáveis das crianças e adolescentes para observarem o que os filhos/as estão acessando na internet de modo a evitar um drama na vida real do contato com o lobo virtual.

Enfim, há uma necessidade dos familiares e educadores/as observarem o que as crianças estão acessando na internet, que sites estão consultando, com quem estão teclando. O computador faz elos com o corpo infantil, através de quem tecla do outro lado. Portanto, cabe aos responsáveis pelas crianças de conversarem sobre os perigos da internet, estabelecer horários, e, sobretudo saber a procedência dos amigos e amigas dos filhos e filhas, a fim de evitar o drama da vida real.

## 5 DESCORTINANDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Visando definir com maior clareza os caminhos perpassados na presente pesquisa, abro as cortinas metodológicas para que haja uma compreensão dos acontecimentos ocorridos nos bastidores da escola onde foi realizado o projeto.

O estágio nos permitiu a sondagem por meio da observação participante em sala de aula. Posteriormente realizamos a intervenção e a verificação dos resultados registrados. Tais etapas envolveram uma pesquisa bibliográfica inicial, seguido de reuniões na escola sobre o tema focalizado, tendo como suporte teórico os autores e autoras pesquisados.

O cenário escolhido para desenvolver o trabalho teatral de *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* foi a Escola Pública Municipal Felix Araújo, localizada no município de Campina Grande, PB.

Sua aplicabilidade ocorreu entre os meses de março a setembro do ano de 2011, com a participação de toda a comunidade escolar. Os encontros para a apresentação aconteciam sempre no segundo horário, duas vezes por semana em cada sala de aula ou no auditório, já que, havia turmas maiores.

A pesquisa foi mapeada da seguinte forma: a priori, foi realizada uma visita à escola apresentando o projeto a Gestora que o apresentou juntamente com a pesquisadora e orientadora desta monografia à comunidade escolar, que aceitou a aplicabilidade do mesmo.

Por conseguinte, marcou-se uma reunião Pedagógica com a equipe de professores/as que se disponibilizaram a participar com suas turmas, cedendo dois dias da semana, sempre no segundo horário, para o sucesso do projeto. Por fim, ocorreram as apresentações e registro das indagações, impressões, aceitações, rejeições e, elaboração de desenhos.

Para preservarmos a identidade das crianças pesquisadas utilizamos nomes de personagens de obras Shakespearianas que, de tão marcantes, transcenderam os limites do tempo e, ainda hoje, são lembrados: Romeu e Julieta, Julio César, MacBeth, Lady Macbeth, Cleópatra, Coriolano, Helena, Hamlet, Ofélia, entre outros personagens.

Com objetivo de intervir com ações educativas na escola, a pesquisa traz resultados de como estão sendo compreendidas e trabalhadas as questões de gênero na Escola Pública Félix Araújo do município de Campina Grande. Abordamos uma breve discussão sobre teatro, Educação Feminina e resultados do nosso trabalho.

Trata-se também, de uma pesquisa qualitativa, onde vivenciamos o cotidiano de sala de aula. “Dessa forma, é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar

teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42).

Utilizamos como instrumentos na apresentação da peça teatral para coleta de dados, conversa informal, observação direta, os quais foram realizados através de diário de campo com anotações discretas como a fala, o comportamento e a relação das crianças e professores/as quanto à compreensão dos conceitos de gênero e violência virtual.

A coleta de dados não deve ser apenas um processo intuitivo, que consistiria simplesmente em fazer observações em determinado ambiente e tomar notas. Ela deve ser um processo deliberado, no qual o pesquisador tem de estar consciente das molduras de interpretação, que são culturalmente incorporadas e que ele traz consigo para o local da pesquisa. (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 58).

Portanto, a metodologia da pesquisa segue os estudos teóricos de autores como Scott (1995), Smith (2009), Bourdieu (2010), Japiassu (2001), Zilberman (2003), Peixoto (2005), entre outros autores. Esperamos contribuir para os estudos acerca da violência na internet e das questões de gênero para desconstrução de estereótipos acerca da temática. A seguir contextualizaremos a nossa pesquisa através da peça teatral abordando a temática.



## 6 RESULTADOS DA PESQUISA

### 6.1 ABRINDO AS CORTINAS DA ARTE-EDUCAÇÃO: *CHAPEUZINHO LILÁS E A MALA DA VOVÓ*

Os resultados obtidos no projeto apontam propostas de equidade de gênero na formação educacional das crianças, num claro processo de intervenção por uma educação não sexista.

Sendo assim trabalhamos durante o projeto com a representação teatral, onde pudemos observar durante a apresentação o interesse das crianças na *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó*, no final da apresentação pedíamos para ilustrar o que mais havia chamado a atenção na peça.

Observamos durante a aplicação do projeto quais os valores das crianças e como elas aceitavam e/ou rejeitavam a conotação da história infantil não-sexista, fato presente nas falas e nos desenhos.

Nosso primeiro contato com as crianças da Escola Félix Araújo foi um chamamento/convite de sala em sala despertando nos meninos e meninas a curiosidades em descobrir a história da *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó*.

A gestora da citada escola, Professora Maria Bernadete Albino, nos acompanhava de sala em sala, divulgando o referido projeto, e foi um grande apoio para realização do mesmo. O processo seguia os seguintes passos: a gestora adentrava nas salas de aula, indagava as crianças se já haviam ouvido falar numa menina Chamada Chapeuzinho Lilás. Algumas crianças diziam que só existia a Chapeuzinho Vermelho e que não havia outra Chapeuzinho.

Então, naquele momento, eu surgia caracterizada do personagem, me apresentando como a Chapeuzinho Lilás. As crianças ficavam admiradas olhando, queriam tocar o personagem, e iniciavam as indagações perguntando: Você é a verdadeira Chapeuzinho? Qual o porquê de toda a roupa Lilás? Cadê o lobo mau? O que há na mala? Nesta história, o lobo também “come” a Chapeuzinho e a Vovó? Assim, aguçávamos ainda mais a curiosidade das crianças, transferindo para elas novos questionamentos que seriam revelados com a apresentação teatral.

Iniciamos com as apresentações de turma em turma. Ao adentrar nas salas de aulas, era acolhida com olhares penetrantes e questionadores, ficavam atentos/as a cada gesto e movimentação.

A apresentação da Chapeuzinho Lilás inicia com ela falando de sua personalidade e qualidades apresentando-se com uma menina curiosa, inteligente, esperta, “atenada” com o mundo virtual, que gosta de brincar, teclar e navegar na internet, caminhar, fazer exercícios físicos, estudar, ler e ouvir as histórias das aventuras das viagens da sua vovó pelo Brasil e o exterior, fazendo as crianças embarcarem nessas histórias carregadas de conhecimento e aprendizagem.



**Foto 1** – Entrada da Chapeuzinho Lilás

**Fonte** – Silva (2011)

Em seguida, pedimos para que as crianças nos ajudassem a cantar e convidamos algumas meninas para reconstruir a história e representar para turma, de forma a interagir com as múltiplas possibilidades de releitura e representação teatral do imaginário infantil.

Apresentamos a versão parodiada musical de Chapeuzinho Vermelho:

*Pela estrada afora, Eu vou bem sozinha, Levar estes doces Para a vovozinha.*

*Ela mora longe, o caminho é deserto e o lobo mau passeia aqui por perto!*

*Mas, à tardinha, ao sol poente, Junto à mamãezinha dormirei contente.*

*Na telinha agora, eu vou sorridente teclar com vovó que ficará contente.*

*Vou mostrar mil sites de livros e revistas, para a vovozinha que é Feminista.*

*Todas as noites teclamos bastante eu e a vovó pela internet.*

*Eu não sou bobinha sou muito espertinha... só add a meus coleguinhas!*

A plateia da Educação Infantil se divertiu muito com a versão da canção e a peça teatral. Algumas meninas pediram para também cantarolar a música, mesmo as mais tímidas, percebemos a empolgação e apoiamos as crianças para desenvolverem o gosto pela arte de representar.



**Foto 2** – Representando a Chapeuzinho Lilás

**Fonte** – Silva (2011)



**Foto 3** – Experimentando ser a Chapeuzinho Lilás

**Fonte** – Silva (2011)





**Foto 4** – Apresentação dos objetos da mala

**Fonte** – Silva (2011)



**Foto 5** – A mala da vovó

**Fonte** – Silva (2011)

As crianças demonstravam curiosidade sobre a mala, instigamos ainda mais a imaginação dos meninos e meninas sobre o que havia nela, as respostas eram: o lobo, a

vovozinha, brinquedos, comidas, presentes. Na medida em que, tirávamos cada objeto da Mala e contávamos a história, percebíamos os olhinhos “arregalados”, o encantamento e envolvimento da plateia ao participarem ativamente da teatrização.

A cada novo objeto retirado da mala criava-se na plateia ansiedade e entusiasmo, a atenção foi redobrada quando Chapeuzinho Lilás buscou na mala um carrinho e afirmou ser a dona do carrinho, pois gostava muito de brincar com ele. E lançou para a plateia a seguinte pergunta: As meninas gostam de brincar de carrinho? E afirmou: A Chapeuzinho Lilás gosta muito de brincar de carrinho.

## 6.2 EU FALO... TU FALAS... EM CENA OS PERSONAGENS REAIS – AS CRIANÇAS

**Personagem1 – Hamlet:** - *Há... só quem brinca de carrinho é menino, menina brinca de boneca.*

**Personagem 2 – Julieta:** - *Eu gosto de brincar de carrinho, mas meu irmão não deixa eu brincar com os carrinhos dele, não, nem meu pai deixa.*

**Chapeuzinho Lilás afirmou:** - *Quando a menina cresce e passa a ser uma mulher adulta ela dirige carro, não é crianças? Então por que pensam que menina não pode brincar de carrinho? Isso é certo? (Voltando a pergunta a plateia, de modo a instigar a reflexão dos valores sexistas).*

**Personagem 3 – Cleópatra:** - *Minha mãe tem um carro, ela anda nele. Então... Sou menina e penso que posso brincar de carrinho...*

**Personagem 4 – Ofélia:** - *Ei, Chapeuzinho Lilás... Escute meu pai disse que mulher num sabe dirigir não! Ele tá certo?*

**Chapeuzinho Lilás então rebateu:** - *Vocês já viram na televisão mulheres que ganham corrida de carro? Será que o papai de Ofélia tem razão? O que vocês acham?*

Nessas falas, percebemos a separação que as crianças fazem quanto à separação de brinquedos, Como se existisse o de meninos e de meninas. Frutos de uma sociedade machista, em que, há restrição até de brinquedos, como se estes fossem definir questões referentes aos papéis sociais na vida adulta.

Quanto ao lobo, a personagem Chapeuzinho Lilás alerta para que as meninas e os meninos serem espertos/as e estarem atentos/as ao lobo virtual que se conecta nas redes sociais, homens e mulheres más, que não podem marcar encontros via on-line e receber

presentes de estranhos, e que sobretudo ninguém pode estar tocando com carícias em partes íntimas de seus corpos infantis.

**Chapeuzinho Lilás:** - *Minha vovó já me avisou que tenho que ter cuidado com o meu corpinho, que ninguém pode ficar tocando e me acariciando. Que essas pessoas são lobos maus, e que nós crianças precisamos ser espertas, pois eles estão por toda parte.*

**Chapeuzinho Lilás:** - *Quem aqui é esperto/a e não vai deixar que o lobo mau da internet, o pedófilo, se aproxime? Quem aqui vai ter cuidado nos convites de amiguinhos/as no Orkut e Facebook?*

**A plateia** (em coro): *Eu!!!*

Já nas turmas do Fundamental I, surgiram questionamentos e depoimentos das próprias crianças em relação ao lobo mau, hoje multifacetado de pessoa comum e, que se utiliza de diversos meios para se aproximar dos meninos e das meninas.

**Chapeuzinho Lilás:** - *Vocês sabiam que o lobo mau hoje se disfarça muito bem, ele não se encontra escondido por trás de árvores, mas sim, na telinha do computador.*

**Personagem 5 – Lady Macbeth:** - Ah!! Pronto... Eu adiciono todo mundo que é para ter muita gente no meu Orkut.

**Plateia:** - Eita!! Cuidado visse bixinho!

**Chapeuzinho Lilás:** - *Minha vovó me ensina a ter cuidado com a internet, a não fornecer dados pessoais a quem não conhecemos, a não ficar muito tempo sentada, parada em frente a uma tela de computador, pois meu corpinho tem que fazer movimento como caminhar, jogar, correr, brincar...*

**Personagem 5 – Júlio César:** - *Oxe!! Meu pai nem sabe quem são meus amigos no Orkut e deixar eu ficar jogando até tarde*





Foto 6 e 7 – Apresentando os perigos da internet

Fonte – Silva (2011)

**Chapeuzinho Lilás:** - *E aí crianças isso está certo?.*

**Plateia (em coro):** *nãoo...*

**Personagem 7 – Julieta:** - *Minha mãe também quando eu vou para lan house ela nem sabe.*

**Personagem 8 – Ófelia:** - *Um dia eu fui sendo seguida por um homem perto da minha casa. Aí eu corri para minha casa, eu fiquei com medo do olhar dele... isso é um PEDÓFILO?*

**Personagem 9 – Macbech:** - *Chapeuzinho, eu ouvi falar em pedofilia na TV e dizia que PEDÓFILO é o adulto que gosta de pegar nas coisas das crianças.*

**Chapeuzinho Lilás:** *São os homens e mulheres más que tem interesse em crianças se utiliza às vezes de MSN, Orkut, Facebook se apresenta como amigo/a, marca encontro e pode até matar. Hoje recebe justamente o nome feio de: PE-DÓ-FI-LO. Nós crianças não podemos permitir que ninguém nos toque nas partes íntimas. O corpo é nosso.*

**Personagem 6 – Helena:** - *Ah! Chapeuzinho Lilás, eu não aceito nada de quem não conheço e só converso com quem eu conheço no ORKUT.*

**Chapeuzinho Lilás:** *Hum... Muito bem! Não vamos teclar nas redes sociais com quem não conhecemos. Ok turma!*

**Plateia:** *Ok!!*

Nas turmas do Fundamental I, percebemos que algumas crianças têm informações sobre pedofilia, apesar de não ter um esclarecimento familiar e escolar, há apenas uma noção vaga do perigo, decorrente da informação via televisão.

No entanto, ficou evidente que são pouquíssimos os meninos e meninas que reconhecem os perigos do encantador mundo virtual da internet.

Suas falas ainda chamam a atenção para um grande problema: a ausência de informações e alerta dos responsáveis quanto aos homens e mulheres más on-line buscando atrair suas vítimas. Diante de tal realidade, indagamos: Por que os familiares acreditam que os filhos/as estão imunes a violência virtual? Por que a temática não tem sido abordada por professores e professoras no ambiente escolar com maior ênfase? São questionamentos para possíveis novas investigações.

Já nos últimos momentos das apresentações perguntava se as crianças gostariam de conhecer a minha avó? E interagiam respondendo que sim. O Personagem então, mais uma vez abria a mala e retirava um porta-retrato, com um pouco de suspense; o mostrava. Neste momento, as crianças riam, faziam olhares de espanto, de questionamento. E a Chapeuzinho Lilás perguntava: Vocês não estão vendo a minha avó? Pessoal o que vocês veem na fotografia? A plateia, logo responde: Um desenho. Então fui eu que desenhei a minha avó. Agora é a vez de vocês.



**Foto 8** – As artes das crianças

**Fonte** – Silva (2011)



Um momento de explorar mais uma vez o potencial criativo dos meninos e meninas, pois, o desenho reflete a própria criança nas suas concepções e preferências e Leite (2002, p. 271) ainda acrescenta “o desenho é uma atividade sociocultural aprendida- não se nasce sabendo desenhar, da mesma forma que não há aquele que não possa aprender a fazê-lo. Sendo assim, o processo ilustração é carregado impressões sociais, culturais e que representa histórias de vidas.



**Foto 9** – Pannel da interação plateia-personagem

**Fonte** – Silva (2011)

Sempre ao término das apresentações era uma euforia só das crianças, em querer tocar, abrir a mala, colocar os óculos, o chapéu e, falar o que elas/eles acharam da peça. Algumas crianças diziam que tinham algum objeto lilás e que eram também como a Chapeuzinho Lilás, muito espertas comentavam que suas avós deveriam ser como a da Chapeuzinho Lilás, uma avó bem legal, que viaja, conta história, se veste chique.

A seguir, analisaremos as cenas apresentadas na peça, à luz de teorias acerca da temática.

### 6.3 ANÁLISE TEÓRICA DAS CENAS: COMPARTILHANDO AS VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA ATUAÇÃO

A escola é o lugar onde deve oportunizar meninos e meninas a experimentar as múltiplas linguagens. E, buscar nestas linguagens um meio para almejar o desenvolvimento das crianças, não é tarefa fácil. Sabemos que o objetivo da escola é formar cidadãos e cidadãs críticos/as, reflexivos/as, autônomos/as, porém, nos perguntamos: será que a escola em sua práxis tem contribuído para tais fins? Foi um dos questionamentos que fizemos em nossa prática ao nos depararmos com questões tão discutidas na Universidade, mas com os mesmos textos fantasiosos do século XVIII, com fadas, mágicos, mocinhas, vilões, lobos entre outros, que ainda fazem parte do acervo literário de muitas escolas, tornando-se contos aprisionantes.

Como pode a criança de hoje ser protagonista, estar preparada para compreender a sociedade em que vivi, se ainda em nossas instituições presenciamos cenários como estes citados acima.

Foi justamente com o objetivo de construir uma aprendizagem significativa, sob a forma lúdica de aprender que o nosso trabalho criou caminhos, a partir da linguagem teatral e de um cenário que favoreça uma educação na qual as crianças são protagonistas.

Sabemos que inovar requer mais tempo, mais estudo, mais responsabilidade, porém, a aprendizagem acontece com uma maior facilidade. Pois já coloca o teatro como “um elemento importante na aprendizagem e no desenvolvimento da criança” (BRASIL, 1997, p. 83).

O teatro, além de ser um artefato cultural é uma arte que, para realidade da maioria das crianças só é encontrada na escola. “Teatro é educação, é pedagogia cultural que veicula sentidos e discursos, que exercita, primordialmente, a imaginação” (FERREIRA, 2006, p. 15).

E foi através da arte teatral, a partir da apresentação *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* que as crianças puderam despertar/ discutir questões de violência na internet, respeito às diferenças, valorização e questões de gênero, permitindo interpretar o mundo pelo universo da arte cênica.

Para elaboração da peça teatral buscamos como subsídio a Literatura de Chapeuzinho Vermelho, já que, encontramos nesta Literatura de 300 anos, questões que precisam ser discutidas nos dias de hoje, rompendo assim, com velhos paradigmas contidos na história de Chapeuzinho Vermelho, mostrando as diferenças existentes entre as duas personagens numa apresentação dinâmica, na proposta de sair do mundo dos contos enfadonhos para contos de um mundo mais próximo da realidade infanto-juvenil da contemporaneidade. “Brecht acreditava que era possível levar o público a refletir sobre o caráter histórico social das

personagens e de suas ações numa perspectiva crítica, conscientemente elaborada” (JAPIASSU, 2001, p. 31).

A peça é um contraponto a história de Chapeuzinho Vermelho, criada por Charles Perrault, um escritor de histórias recolhidas da memória do povo, transcrevendo em textos simples centenas de narrativas publicadas por ele.

Chapeuzinho Vermelho é um dos contos que se destaca mesmo não sendo elaborado para crianças. De acordo com Zilberman (2003, p. 134), “O conto em princípio era contado por e para adultos”. Perrault não tinha no início a menor preocupação em produzir Literatura Infantil. Mas, com o passar do tempo, alguns dos seus textos foram traduzidos para o Português e incorporados a Literatura Infantil, perpetuando até os dias de hoje sem que a história seja questionada, já que, hoje, vivenciamos um tempo histórico e cultural diferente.

A criança Contemporânea não é a mesma de antigamente. Segundo Zilberman (2003), as crianças de hoje são mais adultas que as de ontem, e não merecem aquelas histórias um tanto imbecis e fora de época, fadas, varas de condão, príncipes encantados, bruxas, caçadores, porquinhos e chapeuzinhos vermelho. E mesmo assim, depois de três séculos o conto de Chapeuzinho Vermelho permanece nas instituições escolares sem menor objeção ou criticidade sobre a história.

#### 6.4 DESCREVENDO OS PERSONAGENS DA PEÇA TEATRAL

##### **Chapeuzinho Lilás**

O personagem da Chapeuzinho Lilás é uma menina peralta, de cabelo na altura dos ombros, que usa vestido lilás, meia calça e uma bota super fashion tudo na cor lilás, é muito vaidosa, simpática, esperta e ativa, fala pelos cotovelos, gosta de viajar, praticar esportes, de teclar na net, de brincar e é aplicada na escola, adora ouvir as aventuras de uma avó muito diferente da maioria das avós.

##### **A Vovó de Chapeuzinho Lilás**

A vovó de Chapeuzinho Lilás não usa diariamente vestido de senhora, coque no cabelo, e tampouco sapatilha. É uma avó elegante, que se veste de acordo com os acontecimentos, ora usa roupas da moda, com vários tipos de sapatos, ora usa salto alto, ora usa tênis para suas caminhadas com roupas leves, ao contrário de muitas avós que não se movimentam e tricotam e passam o dia assistindo novela, a vovó de Chapeuzinho Lilás

pratica esportes, é conectada na net e antenada com as notícias do mundo através dos meios de comunicação.

A vovó da peça *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó*, é uma feminista de carteirinha que viaja muito e debate nos congressos no Brasil e no exterior na luta contra a violência, em defesa das mulheres, em respeito à diversidade, é uma ecologista que defende o respeito aos direitos dos animais e cuidados ecopedagógicos com a natureza que Deus criou. Uma mulher incentivadora ao hábito da leitura, que faz sua neta viajar no mundo dos livros, nas histórias da Bíblia e no mundo virtual das redes sociais.

### **A Mala da Vovó**

A mala da vovó, é o foco para o desfecho da história, nela estão todos os objetos presenteados pela Vovó de Chapeuzinho Lilás e, cada objeto revela as aventuras da Avó pertencente a um mundo real. Assim, a cada novo objeto retirado da mala as crianças são envolvidas com o que nela contém: Livros sobre os direitos das crianças, dos animais, globo terrestre, roupas de várias estações do ano, chapéus, bonés, brinquedos – carrinho, bola, boneca, objetos de higiene – escova de dente, pente, perfume, hidratante, e um óculos na cor lilás que ao ser usado pelas crianças faz com que todas as crianças percebam o mundo na cor lilás – a cor do movimento feminista.

### **A Peça Teatral**

Na peça teatral há uma discussão acerca de quem é o lobo nos dias atuais? O que ele faz? Como fugir dele? Qual o nome que ele recebe? E a explicação do significado de Pedófilo, já que, a criança “passa três quartos da infância diante da televisão, deglutindo crimes, estupro, novelas e uma infinidade de coisas” (ZILBERMAN, 2003, p. 198).

Mesmo assim, a escola ainda insiste em continuar com as muralhas distanciando meninos e meninas da realidade do mundo conectado, que não questionam o mundo sexista, nem a presente violência criminal do assédio sexual que afeta as crianças do mundo inteiro. Essas e outras questões são abordadas na peça de forma lúdica, sempre fazendo alusão a história fantasiosa do Lobo da história de Chapeuzinho Vermelho e apresentando uma menina que é ligada dos riscos da internet dentre eles; O lobo contemporâneo.

As relações de gênero são abordadas na apresentação, quando questionamos os tipos de brinquedos para meninas e meninos que são determinados nos primeiros anos de vida da criança. Desde a gestação com a confirmação do sexo da criança através da ultra-sonografia, a mãe, o pai, a sociedade atribuem comportamentos diferenciados para meninos e meninas,

permeados por um controle nos brinquedos e perspectiva de naturalização enraizada na base da desigualdade entre homens e mulheres.

Diante desse contexto, a escola raramente tem se ocupado em questionar tais conceitos construídos e a peça de Chapeuzinho Lilás vem justamente desmistificar essa ideia de mundo sexista, separatista até de brinquedos.

A passividade não é uma característica feminina, mas um sinal e um sintoma de uma proibição que pode contaminar tanto um homem quanto uma mulher. Ainda que nossa cultura espere passividade na mulher e atividade no homem, chamaremos de passividade um sintoma que implica a renúncia de um sujeito – homem ou mulher – a situar-se como sujeito pensante. (FERNANDÉZ, 1994, p. 70).

Neste processo de divisão sexual dos papéis, fica para a mulher desde ela menina, a incumbência de ser boazinha, comportada, frágil e indefesa, além de aprender a fazer todas as tarefas domésticas para futuramente ser uma “boa” dona de casa. “A sustentação dessa concepção de bondade na mulher entende-a como um corpo vazio” (SANTOS, 2008, p. 39), ou seja, um corpo que não tem suas próprias decisões e sofre adestramento: menina não pode sentar de pernas abertas, não pode ficar sem blusa, não pode isso, não pode aquilo, uma série de recomendações que imprime sobre os corpos, modos de ser e de agir que traduzem a desigualdade.

Assim, os modelos de masculinidade e feminilidade fazem parte de um discurso que visa “moralizar” a sociedade e que acaba por refletir no ambiente escolar, gerando práticas sexistas e divisão sexista dos brinquedos por preconceitos e ausência de sensibilidade e valorização por parte dos meninos.

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre qual se alicerça: a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos [...] o lugar de assembléia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres. (BOURDIEU, 2010, p. 18).

É preciso que nós como educadoras estejamos atentas para as desigualdades criadas entre a feminilidade e a masculinidade, para não promover uma prática educativa discriminatória. Já que, a escola é um espaço para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres que tem a liberdade de serem como quiserem e não corpos carregados de significados sexistas.



Outro ponto relevante em uma das cenas, na qual aparece o lobo mau no conto Chapeuzinho Lilás, foi a respeito da violência sexual contra crianças e adolescentes, uma prática cada vez mais presente em nosso dia-a-dia e, que sempre esteve presente ao longo da história da humanidade mascarada por diferentes atores em distintos lugares.

O autor deste ato na antiga história de Chapeuzinho Vermelho é o lobo que come a Chapeuzinho e a boba da vovó, e, este lobo na versão Chapeuzinho Lilás é o pedófilo que abusa da menina (Chapeuzinho Vermelho), ou seja, “o indivíduo adulto que sente desejo erótico compulsivo, de natureza homossexual ou heterossexual, por crianças ou pré-adolescentes” (SUPLICY, 1983, p. 295).

Quando diz na história que ele come, compreende-se como uma atividade sexual, violando todos os direitos do ser humano. Já que, o abuso sexual infantil, segundo Teles e Melo (2002, p. 15) é:

Violência, em seu significado mais freqüente, quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade. [...] É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano.

A Lei 12.015, de 07 de agosto de 2009, traz diversas mudanças ao Código Penal, ao ECA e à Lei dos Crimes Hediondos. De acordo com a redação antiga, somente cometia estupro aquele que sujeitava a mulher, mediante violência ou grave ameaça, à conjunção carnal (cópula vagínica). Qualquer ato libidinoso diverso era considerado atentado violento ao pudor (exemplos: coito anal, sexo oral, etc.). A partir de agora, passa a ser estupro tanto a conjunção carnal quanto os atos libidinosos diversos. A pena mínima foi equipada à do homicídio simples, ou seja, 06 (seis) anos de reclusão (CASTRO, 2009).

De acordo com a redação, ocorre o estupro de vulnerável na hipótese da prática de conjunção carnal ou ato libidinoso diverso contra menores de 14 (catorze) anos. Incorre na mesma pena quem pratica as ações descritas acima contra alguém que, por enfermidade ou deficiência mental, não tem o necessário discernimento para a prática do ato, ou que, por qualquer outra causa, não pode oferecer resistência.

Conforme Castro (2009), no Estatuto da Criança e do Adolescente foi realizada a inclusão do artigo 244-B, que criminaliza, *in verbis*, a conduta daquele que “Corromper ou facilitar a corrupção de menor de 18 (dezoito) anos, com ele praticando infração penal ou induzindo-o a praticá-la”. A maior novidade é o parágrafo primeiro desse mesmo artigo, que

afirma que também comete o crime quem o faz por meios eletrônicos, inclusive salas de bate-papo da internet.

A severidade dos efeitos do abuso sexual infantil ainda varia de acordo com a idade.

O abuso sexual de menores provoca danos na estrutura e nas funções do cérebro, incluindo aquelas que desempenham papel importante na cognição na memória e nas emoções. Depressão, propensão, abuso de álcool e drogas são algumas das seqüelas observadas pelos pesquisadores. (SARMATZ, 2002, p. 46).

As vítimas deste tipo de violência geralmente apresentam na idade pré-escolar: ansiedade, pesadelos, e transtorno de stress pós – traumático e comportamento sexual inadequado já na idade escolar – são comuns o medo, os distúrbios neuróticos, agressão, pesadelos, problemas escolares, hiperatividade e comportamento regressivo e, na adolescência, são freqüentes o quadro de depressão, isolamento, comportamento suicida, a auto-agressão, fuga, além de comportamento sexual inadequado.

Contudo, os assuntos abordados na peça teatral são realmente de extrema importância e necessitam fazer parte das discussões do meio escolar e familiar. Não podemos ignorar as problemáticas, pois, fazem parte do nosso cotidiano e as crianças precisam compreender da melhor forma sem torná-las tão bobas, ingênuas quanto a esconder fatos da vida real nem tampouco submetê-las ao pânico/ medo exagerado de aventurar-se no cenário do mundo real.

## CONCLUSÃO

Enfim, é chegado o momento de compartilhar algumas conclusões das vivências e experiências da aplicação do projeto **Teatro e Educação: Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó**.

A apresentação foi baseada em temas pertinentes do nosso contexto de dimensão social, sobre a temática de gênero e a violência virtual. O trabalho ocorreu numa relação recíproca de troca de informações/ conhecimentos por parte da protagonista e da plateia, (re) elaborando novos significados em seus próprios contextos sociais.

Através do projeto as crianças tiveram a oportunidade de discutir, questionar, formular novas ideias sobre assuntos importantes no processo de formação dos seus próprios conceitos referentes à violência, respeito e gênero. Temas hoje que têm urgência em adentrar nos portões e muros das escolas. O ambiente escolar não pode ser visto por nós educadores/as sob a ótica de uma instituição isolada da sociedade. “A escola não é uma ilha isolada do mundo, da cidade, do bairro” (BRASIL, 2001, p. 94).

O ambiente escolar é sim um lugar promissor para uma aprendizagem significativa e prazerosa, em que as crianças têm a liberdade de questionar e ampliar seus conhecimentos sobre assuntos importantes no processo de formação de conceitos não sexistas.

O projeto foi de grande aceitação, mas algumas crianças sempre questionando, perguntando no início das apresentações, se na história de Chapeuzinho Lilás havia o lobo mau que comia os personagens da história de Chapeuzinho Vermelho, e depois cortava a barriga do lobo e elas saíam, extinguindo a ideia de morte.

A realidade mostra que lamentavelmente meninos e meninas ainda estão aprisionados ao mundo enfadonho dos contos de fadas. Cabe a nós como educadoras transformar os cenários de nossas práticas, mostrando com novas histórias que também traduzem emoção, imaginação, impressão do mundo, porém de um mundo real com imperfeições, problemas, sem príncipes e princesas, castelos e mundo encantado. Mas que, todos/as podem ser protagonistas e acreditarem que podem transformar a vida em uma ainda melhor, dependendo apenas de suas ações.

A proposta da Apresentação teatral *Chapeuzinho Lilás e a Mala da Vovó* no espaço escolar não pode ser vista como aulas paralelas ou ter horários específicos para a hora do teatro, mas sim, como um recurso presente cotidianamente no espaço escolar numa



perspectiva interdisciplinar de problematizar questões pertinentes ao contexto social de nossa sociedade interligando arte e educação.

Este trabalho foi apenas um descortinar das diversas possibilidades da interligação teatro-educação na instituição escolar que nós educadoras/es podemos inserir nas nossas práticas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: Relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, A.; TERENA, S.; BARBOSA, C. **Quebrando o silêncio**. [Documentário-vídeo]. Produção de André Barbosa, direção de Sandra Terena. Brasília, Atini – Voz pela Vida, 2009. 1 DVD, 34 min. Color. Documentário.

BERTHOLD, Margot. **História mundial do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo, 2008.

BRASIL. **Código Penal Brasileiro**. Decreto-Lei N.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Rio de Janeiro, 119º da Independência e 52º da República.

\_\_\_\_\_. **Lei N.º 12.015**. De 7 de agosto de 2009. Brasília: Presidência da República / Casa Civil / Subchefia para Assuntos Jurídicos; 188º da Independência e 121º da República.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais: Ética**. Brasília: MEC/SEF, v.8, 2001.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, v. 6, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CASTRO, Leonardo. **Breves comentários à Lei 12.015/2009**. (2009). Disponível em: <http://advogadoleonardocastro.wordpress.com/2009/08/10/breves-comentarios-a-lei-12-0152009/> Acesso em 10.01.2012.

DUGUAY, C. **Tráfico Humano**. [Filme-vídeo]. Direção de Christian Duguay. Canadá/EUA: Alpha Filmes, 2005. 1 DVD, 176 min. Color. Suspense.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora: Uma leitura psicopedagógica do ser mulher, da corporeidade e da aprendizagem.** Tradução Neusa Kern Hichel. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

FERREIRA, Taís. **A escola no teatro e o teatro na escola.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

FINCO, D. *A educação dos corpos femininos e masculinos na educação.* In: FARIA, Ana L. G. **O coletivo infantil em creches e pré-escolas: Falares e saberes.** São Paulo: Cortes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil, gênero e brincadeiras: Das naturalidades às transgressões.** Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt07/gt07945int.rtf](http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt07/gt07945int.rtf)> Acesso em 10.01.2012.

\_\_\_\_\_. **Socialização de gênero na Educação Infantil.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: <[https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:83MHmtmZpBAJ:www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela\\_Finco\\_10.pdf](https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:83MHmtmZpBAJ:www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf)>. Acesso em 10.01.2012.

GAIO, R; PORTO, E. *Educação Física e Pedagogia do Movimento: Possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças.* In: MARCO, Ademir de (org.). **Educação Física: Cultura e sociedade.** 2. ed. Campinas: Papirus, 2006.

GAMBOA, Sílvio S. **Epistemologia da Educação Física: As inter-relações necessárias.** Maceió: EDUFAL, 2007.

GOUVEA, Maria Cristina S. de. *Infância, sociedade e cultura.* In: CARVALHO, A. (org.). **Desenvolvimento e aprendizagem.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.

JAPIASSU, Ricardo O. Vaz. **Metodologia do ensino de teatro.** Campinas: Papirus, 2001.

LEITE, M. I. F. P. *Nem fase de grafismo, nem exercício psicomotor: O desenho com espaço de produção cultural de crianças.* In: MACHADO, M. L. A. (org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil.** São Paulo: Cortez, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **História do teatro**. Disponível em:  
<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-teatro/historia-do-teatro.php>>. Acesso em 10.01.2012.

PROFESSOR LINDOMAR.(2007). **História do teatro**. Disponível em:  
<<http://www.infoescola.com/artes/historia-do-teatro/>>. Acesso em 01.05.2012.  
REVERBEL, Olga. **Teatro na sala de aula**. Rio de Janeiro: José Olympil, 1978.

RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

SANTIN, S. (1987). **Educação Física: Uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí: Unijuí. Disponível em: <http://www.scielo.com.br>. Acesso em 02.02.2012.

\_\_\_\_\_. **Temas pedagógicos**. 2. ed. Porto Alegre: EST edições, 2001.

SANTOS, Lígia P. **Mulher e violência: Histórias do corpo negado**. Campina Grande: ADUEPB, 2008.

SARMATZ, Leandro. **Inocência roubada**. Revista Superinteressante, maio de 2002, ed. 176.

SCHMIDT, Mario. **Nova História Crítica, Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Editora Nova Geração, 1996.

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade. Porto Alegre: 1995.

SMITH, Gregory S. **Como proteger seus filhos na internet: Um guia para pais e professores**. Novo Conceito, 2009.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Rio de Janeiro: Vozes, 5. ed. 1983.

TAVARES, José de Farias. **Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Farias, 1995.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

TOMAS, Eva. **A violação do silêncio**. Tradução Luiz Cláudio de Castro e Costa. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ZOTTI, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil: Dos jesuítas aos anos de 1980**. São Paulo: Plano, 2004.

# ANEXOS

Desenhos elaborados pelas crianças nas  
atividades de reflexão da peça teatral



VOVÓ GISELA

TEAMO

QUEBRA ESTO

Raiane

ade em do samsa ywla



PAI

MÃE

VOVÓ MARIA

CHAPUZINHO LILAS



Barting Kistilly Bergera da Silva



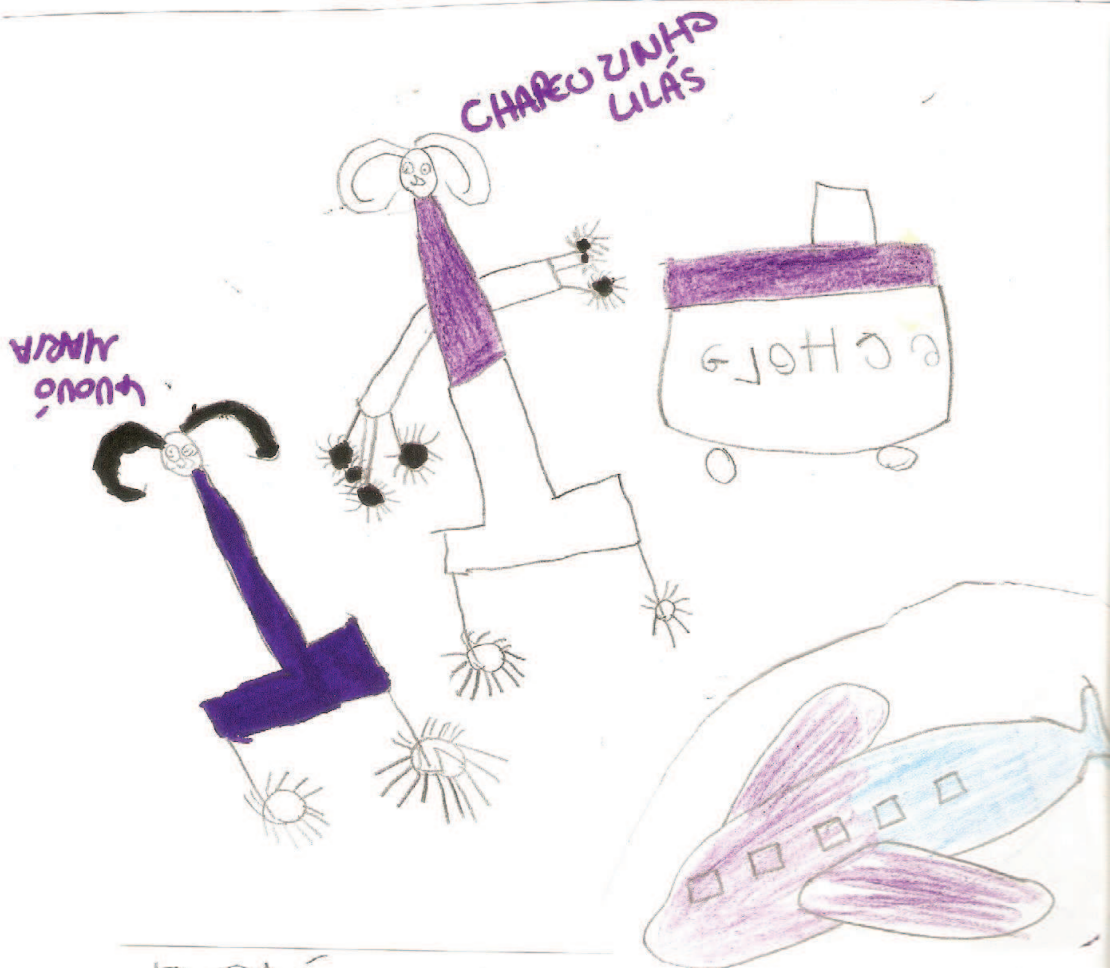
JOSEITHAL ©







oos you gos leimo & imma



oos gals Melo & lei

